

## Miscigenação

Estudo da Universidade Federal de Minas Gerais revela origem de famosos



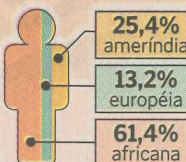
87% dos brasileiros (160 milhões de pessoas) têm pelo menos 10% de gens de origem africana

### Origem dos antepassados

Obina



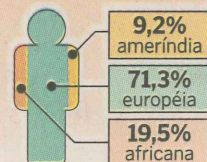
Jogador de futebol



Ildi Silva



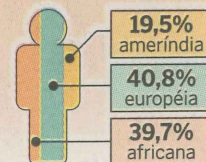
Atriz



Daiane dos Santos



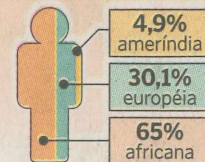
Ginasta



Djavan



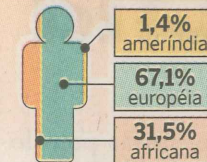
Cantor e compositor



Neguinho da Beija-Flor



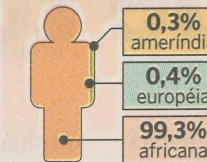
Cantor



Milton Nascimento



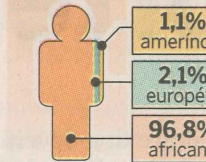
Cantor e compositor



Sandra de Sá



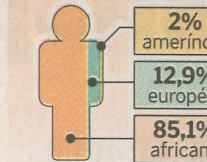
Cantora



Seu Jorge



Cantor



Fonte: Estudo desenvolvido pelo geneticista Sérgio Pena, em parceria com a BBC Brasil

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

NO ESTADO, A UFES AINDA NÃO CONSEGUIU IMPLANTAR O SISTEMA DE COTAS; NA PRÓXIMA SEMANA, HAVERÁ AUDIÊNCIA PÚBLICA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A COMUNIDADE ACADÊMICA

# Com tanta mistura, como definir quem é afro-descendente no país?

Esse é um desafio para a implantação de um sistema de cotas justo nas universidades

ELISANGELA BELLO  
ebello@redgazeta.com.br

Depois que gêmeos idênticos foram classificados de forma oposta pela banca que determina quem pode e

quem não pode ingressar na universidade pelo sistema de cotas da Universidade de Brasília (UnB), o debate sobre esse tipo de política foi retomado com a seguinte pergunta: como definir quem é afro-descendente num país tão miscigenado?

No Estado, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) ainda não conseguiu implantar o sistema, e realiza, na próxima semana, uma audiência pública com movimentos sociais e a comunidade acadêmica para discutir qual a melhor maneira de

aplicar a exclusão social na instituição.

Se na academia, alunos, professores e técnicos ainda não conseguiram chegar a um consenso sobre o assunto (discutido há anos), nas relações de trabalho, a situação não é diferente.

Depois que a Prefeitura de Vitória tentou utilizar cotas em seus concursos públicos, quatro ações impetradas pelo Ministério Público contra o modelo conseguiram liminar judicial e impediram a realização das provas com tal método.

O caso dos irmãos Alan e Alex, 17 anos, de Brasília - um considerado afro-descendente e outro não - trouxe a discussão a um novo patamar. Se várias instituições já estão

adotando sistemas de cotas, qual a forma menos falha, ou injusta de fazê-lo? Instalou-se então, outra polêmica.

Na genética, ao contrário do que se poderia imaginar, há ainda mais elementos para atear fogo na discussão. "Exibimos um fenótipo, mas muitas dessas características são resultados de pressões seletivas. Isso representa pouco do nosso material genético. O que está por fora é resultado de poucos genes que sofreram seleção ao longo do tempo", explica a professora, doutora em Genética Humana, Flávia Imbroisi Valle Errera.

A miscigenação, marca do Brasil e de outros países, também faz com que seja cada vez mais difícil dizer

## Prefeitura aguarda decisão da Justiça

Depois de ter recorrido na Justiça contra as liminares conseguidas pelo Ministério Público contra as cotas em concursos públicos da administração, a Prefeitura de Vitória aguarda uma decisão do Tribunal de Justiça do Estado (TJES) sobre o assunto. Se ela for favorável à administração, como explica o subprocurador Alberto Furtado de Oliveira, as cotas serão aplicadas, mesmo após a realização das provas. Ele não soube explicar como a aplicação se daria, alegando que tudo depende do teor da decisão do TJES. Na ação civil pública movida contra a prefeitura no caso do concurso para procurador, o MP alega que foram violados os princípios de isonomia, ou seja de igualdade de todos perante a lei, prevista na Constituição. Por causa das liminares, os concursos para procurador, técnico de informática, auditor e agente comunitário de segurança foram feitos sem a aplicação das cotas.

quem é ou quem não é afro-descendente. "Hoje em dia é difícil encontrar alguém que tenha os quatro avós bran-

cos. Não se pode reduzir essa discussão à genética, porque ela é política", alerta a professora.

# Aparência não revela história da pessoa

As irmãs gêmeas Ana Caroline e Aline Dutra, 17 anos, são exemplos claros de que a aparência pode não dizer muito sobre a história da pessoa. recém-matriculadas em um colégio de ensino médio, elas nunca são reconhecidas como irmãs gêmeas, apesar de o serem.

Filhas de mãe loira e pai moreno, elas têm aparência diferente, e representam bem o que diz a doutora em Genética Flávia Imbroisi, sobre o fenótipo. “Nosso material genético é bem mais do que as características do que trazemos, como cor de pele e do cabelo”.

Ela cita exemplos que tornam falho o critério de usar uma foto 3X4 para ajudar a selecionar quem pode ou não ser cotista. “A cor da pele pode ser queimada pelo sol”.

Ana Caroline afirma que não acha justo o uso de cotas ra-



**DIFERENTES.** Ana Caroline e Aline, gêmeas, nunca são reconhecidas como tal. FOTO: GUSTAVO LOUZADA

ciais. “Deveria ser avaliado se a pessoa teve oportunidade de ter um bom ensino ou não”.

A inclusão social no nível superior passa mais pelo aspecto

social do que racial também para o advogado Bruno Pereira Capeli. “É fácil encontrar pessoas brancas pelas cidades e paupérrimas. Assim como se

encontra negros que tiveram mais oportunidade”, afirma ele, que é irmão de Vitor, e que tem um tom de pele muito mais claro do que o dele.

## Inclusão social será debatida na Ufes

A primeira audiência pública realizada pela Comissão Especial de Inclusão Social da Ufes acontece no dia 14, no auditório do CCJE. O debate vai ser feito com o apoio de representantes de movimentos sociais. No dia 21, acontece nova audiência. Dessa vez, serão convidados gestores da educação básica na rede pública, para que o debate vá além das cotas.

“Em 2005, 45 mil estudantes concluíram o ensino médio, 36 mil vindos de escolas públicas, mas apenas 9 mil tentaram o

vestibular. Os gestores podem ajudar a entender o que está acontecendo”, disse o vice-presidente da comissão, professor Antônio Carlos Moraes.

Entre os alunos das escolas particulares acontece o contrário: 10 mil concluem o ensino médio e 13 mil, isso mesmo, mais do que o total que conclui, tentam o vestibular.

Depois das audiências, a proposta será encaminhada para o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), responsável por definir o texto final.

## Autodeclaração: melhor forma de implantar cota

A autodeclaração é vista pelo movimento negro como a melhor forma de implantar cotas. A situação vivida pelos irmãos gêmeos em Brasília é vista como um caso isolado.

“Quando o assunto é definir políticas afirmativas para a população negra, vão sempre ter essas reações. A mídia vai sempre dar todo o destaque, mesmo que seja um caso isolado. Temos mais de cinco anos de cotas com experiências positivas”, ressalta Gustavo Forde, que faz parte do

Centro de Estudos de Cultura Negra do Estado.

Para Gustavo, a melhor forma de implantar o sistema de cotas é a autodeclaração. “É a melhor forma, mas deve ter algum tipo de fiscalização para evitar abusos. Na UnB tiram um foto, na Uerj, há uma entrevista”, citou.

A mesma opinião tem o membro do Movimento Pró-Cotas, Gilberto Batista Campos. “Assim não se dá a oportunidade de um julgamento subjetivo, pelo fenótipo”.

### CRITÉRIOS JÁ UTILIZADOS PARA COTAS NO PAÍS:

■ **Autodeclaração.** A pessoa diz se é afro-descendente ou não, com base nas próprias informações. Prós: Para o movimento negro, é o primeiro passo para diminuir o preconceito. Contras: Nada impede

que se use de má-fé para usufruir do direito do cotista

■ **Foto.** Critério utilizado pela UnB, para evitar distorções. Prós: reduz o número de pessoas que se dizem afro-descendentes e não são. Contras:

a avaliação é feita com base apenas na aparência física

■ **Documento.** A pessoa comprova o que diz com algum documento que ateste sua cor ao nascer ou de de algum parente de até 3º

grau. Foi adotado pela Prefeitura de Vitória no último concurso. Prós: evita distorções. Contras: informação de origem duvidosa, atestada de forma subjetiva por terceiros